

«ROPICAPNEFMA»

Título de uma Obra de João de Barros

Justino Mendes de Almeida

Ropicapnefma é o título, que só à primeira vista pode parecer estranho, de um tratado de formação ou edificação espiritual do polígrafo português João de Barros (1496-1570). Quanto ao significado e à ortografia do vocábulo, transcrevemos as palavras do próprio autor, na «dedicatória» a Duarte de Resende, um quinhentista tradutor de Cícero:

«... ofereço-vos este pomo que naceo destes dous ramos: a um chamam *Ropica* e a outro *Pnefmaticos*. Os quais enxertados um em outro, lançaram de si *Ropicapnefma*, a que em nossa linguagem podeis chamar *Mercadoria Espiritual*...»

Não tenhamos, portanto, dúvidas quanto à significação: «mercadoria espiritual»; nem quanto à ortografia: «este pomo (*scilicet* esta palavra) que naceo destes dous ramos», e não «estes pomos», isto é, duas palavras.

Não obstante, e talvez por contaminação da versão portuguesa «mercadoria espiritual», o título exacto *Ropicapnefma* passou a ser desdobrado em *Ropica Pnefma*, o que é menos exacto, e já desde antigos tempos (*e.g.* Diogo Barbosa Machado, o pai da Bibliografia em Portugal, in *Bibliotheca Lusitana*, I, 742), e em tempos modernos (*e.g.* António José Saraiva in «Dicionário de História de Portugal», 1, *sub voce* BARROS, João de).

Que o composto *Ropicapnefma* está morfologicamente mal constituído e se afasta de todas as normas que regem a formação dos *δυπλὰ ὀνόματα*, é facto de tal maneira evidente, que dispensaria comentários. No entanto, este mesmo assunto foi já objecto de um erudito estudo da autoria de Américo da Costa Ramalho, professor da Universidade de Coimbra, que comenta e critica, à luz dos conhecimentos filológicos do séc. XVI, a péssima formação de um composto grego por quem, no séc. XVI, possuía escassíssimos conhecimentos da língua grega. Todas as razões aduzidas pelo professor conimbrigense são exactas, mas o problema deve ser encarado de preferência no plano «do que pretende significar», e não no plano gramatical.

Que importa que o «ró» de *ropica* tenha sido transcrito por *r-*, e não *rh-*? Isto mesmo notara o já citado Barbosa Machado, que escreve *rhopica*; assim também A. J. Saraiva. Se quanto à trans-

criação o simples *r-* não é realmente exacto, também não se deve considerar erro pleno tal representação, pois perguntamo-nos que diferença haveria entre *r-* e *rh-* na pronúncia quinhentista do grego.

Parte-se de uma forma adjectiva, no neutro do plural, *ropica*, e de um outro adjectivo no masculino do singular, *pnefmaticos*, para constituir uma resultante *Ropicapnefma*, que apresenta aquele primeiro adjectivo mais um substantivo, *pnefma*, do qual *pnefmaticos* é um derivado? Resulta daqui um aleijão linguístico? Não é tanto assim.

João de Barros pretendeu que o título significasse «mercadoria espiritual» e, alheado das categorias morfológicas, constituiu uma palavra, um pseudocomposto grego, que, em seu entender, se não afastava do significado português; visualmente até o lembrava. Admitamos mesmo que teria noção de compor uma palavra à margem do cânone filológico: por isso se apressou a explicá-la.

Por outro lado, estará, de facto, usado com propriedade o adjectivo *ropica*, que significa como se sabe, «mercadoria sem valor, futilidade»? Os eruditos, e sobretudo Costa Ramalho, afirmam que não. Por meu lado, e não desejando ser criticado por estar a aplicar ao estudo do bibliónimo criado por João de Barros um critério de hiper-erudição, não me repugna ver no título da obra o sentido de «pequena contribuição para a formação espiritual».